



**CONTRARIANDO DESTINOS: JOVENS DAS CAMADAS POPULARES
EGRESSOS DO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA QUE INGRESSARAM NO ENSINO SUPERIOR
PÚBLICO.**

Francini Scheid Martins – PPGE/UFSC

Resumo: O presente estudo apresenta resultados de pesquisa realizada junto aos alunos do Pré-Vestibular Popular da Universidade Federal de Santa Catarina que ingressaram em curso de graduação através do dispositivo meritocrático vestibular em universidade pública. Esta pesquisa inspira-se em uma nova tendência nas pesquisas sociológicas, nas quais os estudantes ocupam um novo espaço. Abordando a temática da democratização do acesso ao ensino superior por meio de uma iniciativa que busca um sistema de ensino mais igualitário e justo. Os dados coletados, quantitativos e qualitativos, acerca de trajetórias excepcionais de estudantes das classes populares desprovidos de capital econômico, social e cultural e oriundos de escola pública demonstram a busca destes jovens pela igualdade de oportunidade

Palavras Chaves: Democratização do acesso ao Ensino Superior, Pré-Vestibular Popular, Trajetórias Excepcionais, Igualdade de Oportunidade.

Introdução/Situando o problema/Mapeando a questão

As universidades nascidas no século XII na Europa medieval eram lugares de produção e transmissão dos mais altos conhecimentos humanos para herdeiros das classes dominantes. De outro modo, “prestigioso lugar de Saber e Cultura” que manteve seu modelo rígido perpetuando durante séculos o padrão social de sua clientela. Na década de 60 do século XX a situação se modifica. O desenvolvimento das sociedades modernas resulta no crescimento do ensino médio, bem como a necessidade de uma demanda maior de profissionais de melhor e maior formação. A universidade passa abrigar estudantes¹ com perfil diferente do legendário. Adentrava as portas das universidades uma demanda maior de estudantes trabalhadores e oriundos das classes populares.

¹ Baseando-se nos estudos de Coulon (2005) utilizamos o termo ‘estudante’ para nos referirmos a condição dos jovens universitários, já quando utilizamos o termo ‘alunos’ referimo-nos aos jovens que cursaram algum dos níveis da educação básica.

Elevar-se o número de estudos e pesquisas acerca do ensino superior no século XXI, pois esse nível de ensino ganha notoriedade na “sociedade do Saber”. O ensino superior público brasileiro, particularmente, instiga inesgotáveis estudos e discussões por possuir uma situação historicamente construída que faz evidenciar, entre outros pontos para análise, as desigualdades econômicas, sociais e culturais que cercam esse nível de ensino. Nesse âmbito, as pesquisas debruçam-se sobre a questão da democratização do acesso ao ensino superior e das medidas governamentais, na busca de maior igualdade de oportunidades entre os jovens que desejam conseguir uma vaga na universidade pública, pois “a meritocracia e a igualdade de oportunidades têm seu lugar numa escola justa” (DUBET, 2008, p. 10).

A democratização do acesso ao ensino superior objetiva que jovens das classes populares tenham oportunidade de driblar seu destino por meio do prolongamento escolar. Medidas paliativas ganham força no sistema educacional brasileiro que nas décadas de 80 e 90 do século XX torna-se dual, abrigando duas redes de ensino, público e privado. Nessa conjuntura, temos de “um lado, escolas particulares que pretendem oferecer formações adequadas à sociedade globalizada. Por outro lado, escolas públicas mais ou menos abandonadas” (CHARLOT, 2011, p.7). Imprimi-se aos jovens das camadas populares enorme fragilidade formativa, tornando ainda maior o fosso entre os jovens das camadas populares e o ensino superior público.

Os jovens brasileiros sofrem com a escassez das vagas disponíveis para esse nível de ensino. Desse modo, está cada vez mais difícil passar pelo funil vestibular, um dispositivo meritocrático usado como processo seletivo de ingresso às universidades públicas. O concurso torna-se um instrumento excludente, que faz discriminação entre os indivíduos, um instrumento “para descartar candidatos e não para selecioná-los” (FALCON, 1987). A seleção através do dispositivo meritocrático vestibular seleciona os mais aptos, considerados melhores, elege perdedores e ganhadores, evidenciando a desigualdade entre os indivíduos conforme as condições sociais, culturais e econômicas que os cercam desde o nascimento.

A falta de expectativa acerca da trajetória de indivíduos das camadas populares da sociedade evidencia-se quando olhamos para os dados sobre o prolongamento escolar da população brasileira, principalmente quando o foco é essa esfera social, as camadas

populares. Realizar uma análise sobre o prolongamento da escolarização torna-se um desafio quando sabemos que grande parte da população não supera nem os estudos da educação básica², pois apenas 40% dos alunos que entram no nível educacional obrigatório concluem o ensino médio. De cada 100 alunos que ingressam na primeira série do ensino fundamental, apenas 59 conseguem terminar a oitava série desse nível de escolarização. No ensino médio, a expectativa de conclusão é de 74%, conforme dados do INEP³ (2009).

Mesmo com a defasagem no ensino obrigatório, a cada ano mais estudantes ingressam na lista dos concorrentes a uma vaga nas instituições públicas de ensino superior. Na Universidade Federal de Santa Catarina, entre os anos de 2000 e 2010 a média foi de 8,32 alunos por vaga oferecida (Fonte: Coperve). Os candidatos que ingressam no ensino superior passaram por um verdadeiro “funil” em busca da sua vaga. Assim, desde sua implantação legal, em 1911, o vestibular é um filtro de acesso ao ensino superior (BIANCHETTI, 1996).

Do número de brasileiros na faixa etária de 25 a 34 anos, considerados a população adulta jovem, apenas 6% concluíram o nível superior (Fonte: INEP, 2010). O índice da população brasileira com nível superior está bem abaixo dos indicadores mundiais. Os estudos na área da sociologia da educação afirmam que, para vencer esse obstáculo, empecilho ao desenvolvimento econômico, social e cultural do país, é necessário, além de garantir o acesso à escola, a permanência no sistema de ensino, a progressão entre séries e a ampliação da oferta de vagas na rede pública de educação superior.

Foram criadas pelo Governo Federal medidas de expansão e qualificação voltadas ao sistema público de ensino superior. Entre elas estão o Programa Universidade para Todos (ProUni), o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). São iniciativas significativas de democratização, que contribuem para a melhoria nesse nível de ensino e para o aumento na oferta de vagas.

Mesmo com o crescimento do número de estudantes com maior nível de escolaridade, eles ainda representam apenas 10,7% do total de estudantes brasileiros

² Segundo a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, o ensino fundamental e o ensino médio compõem a educação básica, que é nível obrigatório de ensino.

³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

(Fonte: INEP, 2010). Como as universidades públicas são gratuitas e consideradas de qualidade, as medidas de expansão não foram suficientes para reduzir significativamente a concorrência nessas instituições. Sendo assim, a grande maioria dos estudantes não consegue ingressar nesses locais, e a saída para muitos é buscar a rede particular de ensino, que abriga hoje 74,4% dos estudantes de nível superior (Fonte: INEP, 2010).

De acordo com os dados do Censo da Educação Superior 2010, o número de brasileiros que se matriculou no ensino superior mais que dobrou nos últimos nove anos. Segundo pesquisa feita pelo Inep, na última década, de 2001 a 2010, o Brasil registrou um crescimento de 110,1% em matrículas de graduação, pois em 2010, o ensino superior abrigava 6,38 milhões de estudantes, o que representa um aumento de 7,1% em relação ao ano de 2009.

A tradução do ensino superior em números ajuda-nos a compreender esse nível de ensino, mas de certo modo camufla a real situação dos jovens que batem a porta da Universidade todos os anos e ficam a margem desse nível de ensino e provavelmente da sociedade, pois depositam no prolongamento da escolarização a esperança de inserção em um mundo que para eles até então é paralelo ao que pertencem e conhecem. Esse quadro evidencia-se quando nos aproximamos dos sujeitos pesquisados, os estudantes egressos do Curso Pré-Vestibular Popular da Universidade Federal de Santa Catarina.

Apresentação

No final da década de 90 do século XX, surgem os cursos pré-vestibulares populares ou comunitários (PVPs), objetivando diminuir o fosso entre os indivíduos das camadas desfavorecidas da sociedade e o ensino superior público. Essas iniciativas coletivas pela democratização do acesso ao ensino superior buscam um sistema educacional mais igualitário e justo, portanto nessas últimas duas décadas os PVPs ganharam força.

O programa pré-vestibular da UFSC – Inclusão para a vida, idealizado por seu coordenador, Otávio Auler, e fundado em 2003 visa a inclusão de jovens e adultos das classes populares na vida da universidade pública. O projeto nasceu com duas turmas de 60 alunos selecionados entre os 2700 estudantes contemplados com a isenção da taxa de inscrição no vestibular da UFSC, pois o benefício da isenção é dado mediante a

comprovação da baixa renda familiar. No referido ano, 14% (sendo 12% na UFSC e 2% na UDESC) conseguiram ingressar na graduação.

Ao longo dos anos o projeto foi modificando a forma de seleção de seus alunos. Atualmente, o pré-vestibular da UFSC seleciona seus candidatos por meio de um cadastro socioeconômico⁴, atribuindo a vaga aos jovens com menor renda familiar, de outro modo, maior vulnerabilidade social e econômica. No ano de 2011 o pré-vestibular da UFSC chegou ao índice de 58% de aprovação em Universidades públicas do estado (UFSC e UDESC) dos jovens que o frequentaram. A cada dois alunos oriundos de escola pública aprovados na UFSC, um cursou o pré-vestibular. Ademais, houveram aprovações nos dez cursos mais concorridos da UFSC, são estes: Medicina, Arquitetura e Urbanismo, Direito diurno, Engenharia Civil, Direito noturno, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Oceanografia, Odontologia e Psicologia.

Desse modo, o pré-vestibular da UFSC vem dando grande contribuição para a democratização do ensino superior, pois proporciona aos alunos de baixa renda o acesso aos conhecimentos da educação básica exigidos no concurso vestibular, e possibilitam que alguns consigam ingressar nesse nível de ensino, diminuindo o abismo entre os alunos de baixa renda e a universidade pública. O curso surge, também, na tentativa de diminuir a desigualdade de oportunidades, possibilitando que estudantes oriundos de escolas públicas, com baixa renda familiar ingressem em universidades públicas, contribuindo para a diversificação do público dessas universidades, consideradas de qualidade, que por muito tempo foram homogêneas em sua clientela, atendendo à elite.

O pré-vestibular da UFSC, bem como outras iniciativas semelhantes voltadas para as camadas populares vêm tornar notória a desigualdade entre os sujeitos, acirrando discussões entre as universidades pela garantia de isenção de taxas e por bolsas para os estudantes, além de ações judiciais contra a inconstitucionalidade das taxas de inscrição e da formulação de propostas de políticas para promoção de igualdade. Resultam daí políticas e ações afirmativas governamentais, criadas para democratizar o acesso à

⁴ Para melhor compreender como é o cadastro socioeconômico utilizado pela Pró-reitoria de assuntos estudantis – PRAE, da UFSC pode-se acessar <www.prae.ufsc.br/arquivos/Cadastro_socio_economico_servico_social.doc>

universidade de indivíduos que ultrapassaram a barreira do vestibular nas universidades públicas.

Apresentando a Pesquisa e os Jovens Pesquisados

É nesse quadro que o presente artigo se insere ao apresentar resultados de pesquisa realizada junto a estudantes egressos do pré-vestibular da UFSC. Os dados foram coletados em 2011, junto a jovens de todas as turmas que egressaram do referido pré-vestibular desde sua implantação até a coleta de dados.

Optamos por dois métodos, quantitativo e qualitativo, com uma população pesquisada de 426 alunos. O método quantitativo utilizado foi um questionário contendo 50 questões, sendo divididas entre fechadas (27) e abertas (23). Ao final do questionário os jovens expressaram o desejo de participar de maneira mais profunda da pesquisa concedendo-nos entrevista que possibilitou o desenvolvimento do método qualitativo, entrevista semi-estruturada. Realizamos 10 entrevistas com estudantes que ultrapassaram a barreira do dispositivo meritocrático vestibular. Sabendo que por vezes a iniciativa do pré-vestibular da UFSC possibilita ao indivíduo o ingresso no ensino superior, a pesquisa está pautada em compreender como esta de fato ajuda e de que maneira se mantêm esses estudantes que ingressam na universidade pública. Entretanto, esses estudantes não têm o perfil da clientela que as instituições de ensino superior público estavam habituadas a abrigar.

As questões investigaram o percurso escolar (qual valor o aluno atribui ao ensino básico, sobretudo o ensino médio, de outro modo como vê o tipo de ensino que recebeu, os professores), o caráter “sócio-profissional” e o “capital escolar” dos pais (de que maneira esses aspectos familiares contribuíram para o seu ingresso); qual a importância atribuída à universidade, o pré-vestibular da UFSC e o vestibular.

Da amostra pesquisada, 55% foram aprovados em universidades públicas, sendo que 52% cursam graduação na UFSC e os outros 48% dividem-se entre UDESC, UFFS⁵ e

⁵ Universidade Federal da Fronteira Sul.

UFSC⁶. Destes, 99% cursaram o ensino médio em escolas da rede pública de ensino e o 1% restante cursou em escola privada com bolsa de estudos integral.

Questionados acerca da relevância do pré-vestibular na sua trajetória rumo a universidade, 94% dos alunos caracterizam o curso pré-vestibular como determinante para sua aprovação. Quando o questionamento se refere a como eles se mantêm financeiramente na graduação, 56% declararam que possuem algum tipo de bolsa como aluno, dentre os auxílios financeiros estão a Bolsa Permanência, Bolsa Estágio, Bolsa Monitoria e Bolsa de Iniciação Científica. Dos estudantes que possuem bolsa, 81% desfrutam do auxílio RU⁷ e 19% da Moradia Estudantil. Ademais que 75% dos estudantes de graduação ou graduado egresso do pré-vestibular da UFSC já atuam na sua área de formação.

Quando questionados, acerca do que lhes motivou a buscar o pré-vestibular da UFSC e a almejar o ingresso em uma Universidade, os relatos dos egressos, foram semelhantes, como veremos a seguir.

Eu sempre quis uma vida melhor, e o pré-vestibular da UFSC é gratuito e os meus pais não tinham condições de pagar [...] eu tenho muita vontade de ter as minhas coisas, o meu dinheiro, eu quero ganhar bem pra ter uma vida boa, pra ter um futuro melhor, um trabalho melhor uma renda melhor. (Carlos, Educação Física, 22 anos)

O setor hoje de emprego, o setor privado cada vez exige mais das pessoas, e a graduação acaba sendo algo fundamental, uma base, e depois que você ingressa você acaba não podendo parar mais, você vai ter que fazer outras especializações, é pelo mercado de trabalho mesmo. (Fábio, Relações Internacionais, 24 anos)

Quero fazer uma graduação para melhorar de vida, ter uma profissão (Maiara, Arquitetura e Urbanismo, 18 anos)

É ótimo ter uma formação, pra ter um emprego melhor porque hoje em dia com ensino médio não se consegue um bom emprego. (Tiago, Ciências Sociais, 19 anos)

Está cada vez mais concorrido o mercado de trabalho e você precisa ter um nível bom de qualificação pra poder ter um emprego mais digno, então a Universidade sempre esteve nos meus planos. (Willian P., Direito, 18 anos)

A questão do trabalho é fortemente presente na vida dos estudantes do pré-vestibular da UFSC, por tais estudantes serem oriundos das classes populares e desde muito novos trabalharem para complementar a renda da família, precisando conciliar trabalho e estudo. Portanto a expectativa de ter uma profissão onde galguem melhores posições na sociedade está presente.

⁶ Instituto Federal de Santa Catarina.

⁷ Restaurante Universitário.

Os relatos acima novamente evidenciam que a expectativa acerca do prolongamento da escolarização ainda é presente nos indivíduos. Eles acreditam que o prolongamento da escolarização possibilitará mudanças nas suas histórias de vida que já estariam pré-determinadas por sua condição social.

Durante a entrevista solicitamos que relatassem seu percurso escolar.

Estudei todo meu ensino fundamental em escola pública e o ensino médio terminei no CEJA, Centro de Educação para Jovens e Adultos do Estado também. Eu conheci o Cursinho em 2009, foi meu primeiro vestibular, na UFSC. Não passei por três décimos, mas na UDESC passei em Educação Física, Licenciatura, como terceiro colocado. Eu estou gostando do curso, estou me dando bem nas notas e eu acho que vou conseguir concluir bem o curso, mas o fator determinante é que eu sou muito dedicado (...) Tem gente lá que não é tão dedicada quanto eu que vem de escola particular. (Carlos, Educação Física, 22 anos)

Explicita-se no relato acima a questão do mérito pessoal, ou seja, os indivíduos inculcam o pensamento de mobilidade social, onde todos os indivíduos são capazes de ascender socialmente e economicamente por meio de seus esforços pessoais, e a escolarização seria a base da pirâmide de mobilidade social. Como se o fator determinante para o fracasso ou sucesso escolar não fossem, também, a desigualdade de oportunidades existentes entre as classes sociais.

Eu fiquei muito feliz quando eu consegui a vaga. Acho que qualquer um ficaria. Esse sempre foi o meu sonho: entrar em uma Universidade (...) e eu com certeza vou me dedicar ao máximo para conseguir concluir e trabalhar nessa área sempre. Um dos fatores determinantes para isso é o apoio da família, o apoio dos professores tanto da escola quanto do Pré-Vestibular que no ano passado, que é um ano que você está indeciso, que é um ano muito complicado na vida dos adolescentes e o apoio dessas pessoas que estão ali formando cidadãos todos os dias te ajudando e te dando força, acho que isso é fundamental. (Willian, Administração, 19 anos)

A família aparece nos relatos como ponto de apoio aos estudantes, pois na maioria dos casos em que os filhos das classes populares são aprovados no vestibular há uma mobilização escolar, para Bourdieu, são as estratégias que os jovens e suas famílias buscam para obterem sucesso no ensino médio e conseguirem ser aprovados no vestibular.

A falta de expectativa em relação ao prolongamento da escolarização, que falamos acima, é muito forte em relação a esses indivíduos, pelo fato de o capital escolar familiar dos mesmos ser muito baixo. Em quase sua totalidade, quando perguntados sobre a escolaridade das famílias, a resposta é semelhante: a mãe cursou apenas o ensino

fundamental e o pai até o ensino médio, por vezes completo e outras incompleto. Porém surgiram dois relatos que se diferenciaram dos demais. Carlos relata que “*Meu pai é graduado em Matemática, ele é professor*”. Já Tiago fala: “*Meu pai tem o ensino superior, Bacharel em Direito pela UFSC*”. O capital escolar familiar é extremamente relevante, segundo Bourdieu (1998, p.136):

O diploma é tanto mais precioso (caro) quanto mais raro é, embora tenha, ao mesmo tempo, menos defensores. A força de um diploma não se mede pela força de subversão, de seus detentores, mas pelo capital social de que são providos e que acumulam em decorrência da distinção que os constitui objetivamente como grupo e pode servir também de base para agrupamentos intencionais.

Deste modo quando os pais são detentores de diploma, ou seja, alto capital escolar, que possibilita o crescimento do capital social, os filhos normalmente têm mais acesso aos bens culturais.

Palavras Finais

A análise dos dados coletados a partir da pesquisa apresentada neste artigo converge em uma tendência de estudos do campo da sociologia feitos por vários teóricos, entre os quais podemos citar Charlot (2000), Laurens (1992), Nogueira (2000), Viana (1998) e Zago (2000), que têm como problema de pesquisa estudantes universitários de origem popular que alcançaram alto nível de ensino. São os considerados sujeitos com “trajetórias excepcionais” (ZAGO, 2006). Estudos nessa direção ganharam notoriedade em um país como o Brasil, onde existem duas redes de ensino, pública e particular, que denotam uma divisão das camadas sociais.

Quando um indivíduo que advém das camadas populares tem acesso ao lugar que historicamente só os favorecidos ocupavam, ele se torna um “melhor”, um indivíduo apto e capaz, de outro modo, um favorecido. Nesse âmbito “os pré-vestibulares populares não funcionam apenas como formadores de candidatos aptos a passar no vestibular, mas também como questionadores do modelo excludente de educação do país”. (Merlino, 2010, p. 31)

Conclui-se que esses estudantes de trajetórias excepcionais, bem como as iniciativas que pretendem inseri-los nas universidades públicas estão contribuindo para

uma gradativa mudança da face da universidade, que na última década como demonstra nosso estudo que se insere nessa nova tendência de estudos dentro dessa grande temática que é a democratização do acesso ao ensino superior e presente, também, em estudos na área da sociologia da educação citados acima está modificando sua clientela em detrimento de uma educação mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

BERGO, Renata Silva. **Reinventando a escola: idéias, práticas e possibilidades de um projeto socioeducativo**. 2005. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. 2. ed. Florianópolis: Edufsc; São Paulo: Cortez, 2006.

BIANCHETTI, Lucídio. **Angústia no Vestibular**: indicações para pais e professores. Passo Fundo: Ediupf, 1996.

_____. **Da chave de fenda ao laptop** – tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Florianópolis: Edufsc; Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

CHARLOT, Bernard (Org.). **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação de hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad: Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. Trad: Ione Ribeiro Valle. São Paulo: Cortez, 2008.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALCON, Maria Célia A. Souza. O Vestibular: uma questão política. In: MEC/SESU. Seminários. **Vestibular hoje**. Coletânea de textos. Brasília, setembro de 1987.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.

MERLINO, Tatiana. Diminuindo o fosso entre a pobreza e a universidade. **Revista Caros Amigos**, julho 2010, p. 31.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). **Família e Escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu – Escritos em educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PEROZIM, L. **Masculino e feminino: plural**: Ao reproduzir preconceitos de gênero, escola prejudica formação e desempenho de meninos e meninas. Disponível em: < <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=11746>>

PINTO, Álvaro Vieira. **A questão da universidade**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

PRANDI, Reginaldo. **Os favoritos degradados**: ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil hoje. São Paulo: Loyola, 1982.

VALLE, Ione Ribeiro. **A Era da Profissionalização**: formação e socialização profissional do corpo docente de 1^a a 4^a série. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

VALLE, Ione Ribeiro. Pierre Bourdieu: a pesquisa e o pesquisador. In: **A Trama do Conhecimento**: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo (orgs.). Campinas: Papirus, 2008.

VALLE, Ione Ribeiro; BARRICHELO, Fernanda; TOMASI, Juliane. Seleção meritocrática *versus* desigualdades sociais: quem são os inscritos e os classificados nos vestibulares da UFSC (1998-2007)? **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 391-418, jul/dez. 2010.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: impasses e possibilidades. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Sociedade Brasileira de Sociologia, 2007, Recife. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Desigualdade Diferença Reconhecimento. Recife : Sociedade Brasileira de Sociologia, 2007. v. 01. p. 01-15.

ZAGO, Nadir. Demanda e acesso ao ensino superior: os cursos pré-vestibulares populares. In: **VI ANPED Sul**, 2006, Santa Maria - RS. VI ANPED Sul - Seminário de pesquisa em educação da região sul. Santa Maria - RS : Universidade Federal de Santa Maria, 2006. v. 01. p. 01-12.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.